

Uma compreensão psicossocial das compulsões na contemporaneidade

A psychosocial understanding of compulsions in contemporary

**Carolina Freire de Araujo Dhein,
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Resumo

Este trabalho propõe-se a pensar o fenômeno da compulsão para além de uma visão fragmentada entre indivíduo e sociedade, deslocando-se dos caminhos já previamente legitimados no campo da psicologia para outra possibilidade de compreensão das experiências humanas. Procura-se não tomar o fenômeno da compulsão como um desvio oriundo de uma interioridade psicobiológica, como tem sido abordado pelas representações técnico-científicas na contemporaneidade. Pretende-se pensar a compulsão como uma expressão que se desvela em um horizonte histórico, demarcado por orientações elas mesmas compulsivas, na medida em que o caráter de urgência, a promessa de domínio e satisfação, oferecidos pelo ideal capitalista, e o convite ao consumo sem freios podem ser considerados os lemas da sociedade contemporânea. Faz-se necessário um olhar atento para a atualidade de forma a demarcar as condições de possibilidade para o surgimento de experiências compulsivas, circunscritas pelas orientações histórico-culturais que nos cercam.

Palavras-chave

Compulsão; técnico-científica; contemporaneidade.

Abstract

This paper proposes to consider the phenomenon of compulsion beyond a fragmented between individual and society, relocating of previously legitimized in the field of psychology to another possibility of understanding of human experiences. It does not want take the phenomenon of compulsion as a detour from interiority psychobiology, as it has been taken by the technical-scientific in contemporary times. We going to think of the phenomenon as an expression that reveals itself in a historical horizon, demarcated by the guidelines themselves compulsive as the mandatory rules, the basis of urgency, the domain and satisfaction promises offered by the capitalist ideal and the invitation to the consumption without brakes can be considered the motto of contemporary society. It is necessary to look at the current way of life to demarcate the possibility for the emergence of experience, by the historical-cultural guidelines that surround us.

Keywords

Compulsion; scientific-technical; contemporaneity.

**Carolina Freire de
Araujo Dhein**

**Universidade do Estado do
Rio de Janeiro**

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora associada do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

carolinadhein@gmail.com

**Ana Maria Lopez
Calvo de Feijoo**

**Universidade do Estado do
Rio de Janeiro**

Doutora em Psicoterapias Atuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ana.maria.feijoo@gmail.com

Introdução

Assistimos há mais de três séculos uma sociedade ocidental em que se iniciou, de forma radical, um modo de se relacionar com o mundo. Essa relação pautou-se na crença do domínio do homem sobre a natureza, conduzindo-o a crença da possibilidade de domínio de todas as esferas da existência. Muitos estudiosos críticos desse modelo têm proposto pensar o que se configura socialmente em consequência do advento da modernidade (HEIDEGGER, 2002; ADORNO; HORKEIMER, 2006; BAUDRILLARD, 1970; BAUMAN, 1998, 2001, 2008; EHREMBERG, 1998). A partir de tais estudos, constata-se que Heidegger procura pensar o solo originário do que nomeou da Era da Técnica, enfatizando o pensamento predominantemente calculante da modernidade, e que encontramos expressos nos estudos de pensadores que se preparam a refletir sobre as consequências óticas tal pensamento, como é o caso das noções de Indústria Cultural de Adorno e Horkeimer, o primoroso estudo a respeito da sociedade de consumo de Baudrillard, e contemporaneamente, os desdobramentos do mundo líquido descrito por Bauman. Não menos importante, ressalta-se o deslocamento do poder disciplinar (FOUCAULT, 1998) para um individualismo extremo, no qual o indivíduo se vê interpelado à constante busca pelo desenvolvimento de potencialidades pessoais, desencadeando experiências de insegurança, tal como descreve Ehrenberg. Desse modo, Tais estudos se convertem num convite a se refletir sobre as características do mundo atual que despontam no sistema econômico capitalista, abarcando todas as esferas de relação do homem com o mundo. É notável como as pretensões de controle, exploração, autonomia e liberdade, herdadas da modernidade têm se feito presente, como norteadora de um modo específico de desvelamento do mundo, desencadeando uma era marcada pelos excessos de toda ordem.

Para uma compreensão psicossocial das compulsões algumas questões devem ser anunciadas. As compulsões como expressão de um tempo que se configura pelos excessos, presente nas conjunturas econômicas e sociais, se daria na medida em que os limites passam a não ser mais estabelecidos por medidas disciplinares e o homem vai abandonando o caráter do cuidado de si (FOUCAULT, 2006)? A compulsividade, compreendida como um movimento repetitivo e incessante, visando uma sensação de satisfação e alívio da ansiedade, poderia ser compreendida como um modo de ser que se torna possível a partir do desvelamento de um mundo, demarcado por orientações compulsivas? São estas orientações a que Heidegger (2002) caracteriza como sendo a *Era da técnica* que sustenta o modo autômato de se comportar nas diversas esferas da existência, sejam elas mercadológica, laboral, medicamentosa, sexual, alimentar, dentre outras.

Para responder a esses questionamentos, buscaremos abrir um espaço de reflexão acerca do horizonte social contemporâneo, apoiando-nos nos já citados pensadores, que trazem como proposta oferecer um olhar crítico, no caso de Heidegger meditativo, acerca das características circunscritas pela sociedade contemporânea. E assim, poder pensar o homem e seus sofrimentos psíquicos a partir de um referencial que considera a existência como construída em correspondência com o mundo.

O tema das compulsões torna-se relevante do ponto de vista psicossocial, na medida em que nos oferece a possibilidade de pensar o modo compulsivo como sendo uma expressão do homem que se sustenta no modo como o mundo se articula, ou seja, compulsivamente. E, ainda, abre espaço para outra compreensão da experiência compulsiva que na maioria das vezes tem sido concebida como um desvio patológico a partir de um referencial subjetivista.

O olhar técnico-científico da compulsão na atualidade

Constatamos atualmente os vários desdobramentos dos avanços técnico-científicos nos estudos das verdades do planeta bem como do homem. Os avanços da neurociência, marcados pela tecnologia, favorece a descoberta cada vez mais específica do modo de funcionamento do cérebro, e, conseqüentemente, procura alcançar o irrefutável segredo do funcionamento da vida humana.

Encontramos em alguns pensadores como Nietzsche (2002) e Heidegger (2002) apontamentos que fundamentam historicamente essa busca irrefreada pela dominação do homem a da natureza. Nietzsche (2002) já atentava para as conseqüências da crise da metafísica ocidental, simbolizada pela *morte de Deus*, a partir da qual se demarcou a viragem do paradigma moderno, com as perdas dos referenciais absolutos. Assim, os valores ficam reduzidos às relações concretas, nas quais o devir e a pluralidade de sentidos constituem os norteadores desse novo horizonte, caracterizando o que o filósofo nomeou de vontade de poder. Para Nietzsche, o cálculo e conseqüentemente a tecnologia se fundam na vontade do apoderamento e dominação da verdade, consumada pela insustentabilidade de um sentido absoluto. Os estudos tardios do alemão Martin Heidegger (2002) voltam-se para o que ele chamou da Era da Técnica - *destino* do pensamento ocidental, que se encontra em gênese desde Platão, marcado pelo primado do cálculo como forma de desvelamento do homem no mundo. A técnica moderna, tomada como a única via de pensamento, faz com que em nossa época tudo passe a estar disponível por meio do cálculo e da maquinação. O filósofo pretende em sua ontologia fundamental articular hermeneuticamente as suas considerações sobre o mundo em que nos encontramos. Em seu texto *A era da técnica* (HEIDEGGER, 2002) atenta que com as determinações que se constituem nessa era, há o perigo de que tudo na natureza, inclusive o homem, passe a ser visto como fundo de reserva, como recurso com vistas à exploração e à dominação.

Com base nos esclarecimentos presentes na ontologia de Heidegger, podemos colocar em cena, de modo reflexivo, a redução do homem ao olhar único e exclusivo do viés tecnológico. Viés esse que no campo da medicina psiquiátrica e, não menos, da psicologia, hoje, se expressam de forma mais evidente. Não podemos deixar de nos referir a neurociência como constituindo-se de cada vez com mais força na interpretação hegemônica dos modos de ser homem. O perigo que podemos apontar nas interpretações com vieses biológicos, seria a visão dicotômica de homem e mundo. Pensar o homem do ponto de vista biológico, neurológico ou mesmo intrapsíquico seria tomá-lo a partir de um referencial exclusivo da interioridade em que esta se valeria a si mesma, desconsiderando qualquer compreensão histórica, social e, portanto, mais crítica do homem. É nesse cenário que podemos implicar a psiquiatria e mesmo a psicologia contemporâneas, desdobradas nas suas diversas práticas e 'especialismos', cada vez mais amparadas por instrumentais técnicos que em conseqüência, operam com uma visada reducionista e instrumental da existência humana.

No que diz respeito à compreensão dos comportamentos compulsivos, essa problemática se torna bastante evidente, sendo, na maior parte das vezes, objeto de investigação do âmbito clínico. Encontramos nos manuais de descrição das chamadas doenças mentais, formas cada vez mais detalhadas de descrição dos comportamentos compulsivos. Tal desdobramento e a merecida atenção que o discurso médico tem dedicado ao tema nos faz pensar o quanto essa temática tem sido marcante no modo de ser do homem contemporâneo. Por outro lado, porém, conforme atenta Birman (2005), encontramos nesses mesmos manuais uma tendência a atribuir às compulsões e não somente a elas, um olhar meramente descritivo ou exclusivamente biológico, reduzindo seu tratamento à versão farmacológica

como consequência da penetração, cada vez mais restrita, do olhar médico para a compreensão do sofrimento psíquico.

A quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM IV (2002) nos diz que a compulsão é caracterizada por um comportamento repetitivo que visa à diminuição de estado de ansiedade ou sofrimento, estando em geral, associados a pensamentos obsessivos, resultando no chamado Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Por outro lado, encontramos também no mesmo manual a categoria chamada de Transtorno de Controle dos Impulsos que procura descrever o que muitas vezes chamamos também de comportamentos compulsivos, como a compulsão por sexo, compras, jogo, dentre outras. Tal categoria pode ser compreendida pela incapacidade da pessoa de resistir a um impulso, tendência ou tentação para realizar um ato potencialmente nocivo ao indivíduo ou a terceiros. Corroborando com Birman (2005), ambas as categorias trazem em suas etiologias descrições cada vez mais voltadas para as explicações biológicas, ainda que pouco específicas, apontando um desajuste nos níveis de serotonina como uma das possíveis causas do descompasso da ansiedade, característico dos transtornos compulsivos.

Tavares (2000) chama a atenção para o modo como a compreensão dos transtornos que envolvem comportamentos repetitivos e excessivos ainda se encontra por demais abrangentes para a psiquiatria, que demonstra ainda não ter definido a possível diferença entre compulsão e impulso. Logo, as descrições psiquiátricas parecem não abarcar a complexidade do fenômeno da compulsividade, que em sua abrangência, tanto compreende o transtorno de controle dos impulsos, como também, outra subcategoria chamada de transtorno do controle dos impulsos não especificados. Esta subcategoria comporta uma grande diversidade de possíveis comportamentos impulsivos como droga, sexo, compras, jogos, entre outros, que podem inclusive ser estendidos aos mais diversos objetos e práticas presentes em nosso cotidiano. O fato dessa indefinição por parte da ciência médica e ao mesmo tempo a proliferação das ditas compulsões em nossa época nos convida a pensar na relação desse modo de agir humano com o nosso momento histórico. Nessa direção, a reflexão de Birman (2003), no terreno da psicanálise, aponta para o que o autor nomeou de patologia da ação, enfatizando as compulsões, assim como as demais patologias de nosso tempo, como um mal-estar frente ao desenvolvimento imperioso da medicalização e biologização da saúde, num mundo sem mediação, ou seja, sem referências sólidas no processo de subjetivação. As compulsões seriam assim, formas tumultuadas da ação numa repetitiva busca pela certeza de si.

Desse modo, ao mesmo tempo em que assistimos a uma tendência cada vez mais marcante de pensar o homem e seus padecimentos por um viés 'biologizante', favorecendo desse modo um poder instrumentalista e tecnológico expresso pela manipulação farmacológica; vemos por outro lado, pensadores atentos às implicações do imperialismo da técnica, propondo-se a dialogar com outras áreas do saber como a sociologia, a filosofia e a história, oferecendo-nos uma visão mais ampla e, portanto, psicossocial do homem. O comportamento compulsivo e os sofrimentos psíquicos, de forma geral, recebem, então, interpretações para além das explicações neuronais, permitindo a possibilidade de rompimento com as antigas discussões entre as dicotomias biológico/social ou mesmo particular/universal. Em uma visão psicossocial, rompe-se com a primazia da esfera privativa de compreensão dos sofrimentos humanos, como mostraremos a seguir.

O horizonte histórico contemporâneo e a cultura de consumo

Compreender o sofrimento psíquico através de uma perspectiva social é de suma importância por considerá-lo não apenas oriundo de fatores biológicos e psíquicos, conforme já apontado, mas também como um atravessamento histórico, caracterizando os modos de relação entre os indivíduos e a cultura dominante em questão. Em geral, as ciências naturais e mesmo a medicina tendem a um olhar absoluto e restritivo sobre seu campo de saber, não considerando, portanto, a abertura necessária para a compreensão do homem em sua totalidade. Os excessos atravessados, por exemplo, pela cultura de consumo contemporânea passam então a ser o objeto de atenção não somente da psicologia e psiquiatria, como também de grande parte das chamadas ciências humanas, pelo visível aumento de sua incidência. É, portanto, a partir deste atravessamento cultural que se faz necessário considerar o fenômeno da compulsão, não somente a partir de um referencial biomédico, tomado como um desvio da interioridade psíquica, mas também, podendo ser compreendida pelo contexto sócio-histórico-cultural em que a compulsão hoje se faz presente de modo cada vez mais aparente.

Uma análise atenta desse horizonte pode ser encontrada nas obras tardias de Heidegger (2002) em que ele esclarece acerca das determinações do modo de ser do homem na era da técnica, na qual o mundo se desvela como reserva de recursos exploratórios. O conhecimento técnico científico moderno, que mais a frente permitiu o advento da revolução industrial e o que conhecemos hoje como capitalismo tardio, já seria então, para Heidegger, conseqüências do modo técnico de determinação de sentidos que resultaria em uma visão uniforme, exploratória e calculável da existência em geral. Nessa lógica, tudo é tratado como fundo de reserva com fins ao acúmulo e ao descarte. Heidegger (2002) alerta que todo o existente, inclusive o homem se converte em matéria-prima e fonte de reserva e acúmulo, incessantemente estocado e consumido. Rüdiger (2006) conclui que as ideias de Heidegger nos convidam a pensar os efeitos do pensamento técnico-calculante no modo de desvelamento da verdade, principalmente pela díade tecnológica/mercadológica, trazendo como desdobramento o império absoluto da economia capitalista com seus amplos efeitos para o comportamento do homem.

O empobrecimento e a própria redução do homem à racionalidade técnica, conforme apontado por Heidegger, também ganham voz com os pensadores da Escola de Frankfurt. Inspirados nas ideias desenvolvidas por Weber e Marx e movidos por inquietações político-sociais de seu tempo, os frankfurtianos procuraram compreender como o avanço técnico-científico e intelectual defendido pelas ideias iluministas pôde resultar não no progresso, mas em fatos históricos catastróficos tal como as grandes guerras, por exemplo. Esses pensadores, portanto, colocam em cena que a própria racionalidade, expressa no esclarecimento científico, reduz-se a si mesma. Desse modo, o culto aos fatos científicos torna-se soberano, a ponto de legitimarem ideologias reducionistas como o nazismo, por exemplo.

Adorno e Horkheimer (2006) em sua obra *Dialética do esclarecimento* sustentam que as promessas oriundas do projeto iluminista, a partir do qual a razão seria capaz de conduzir o homem ao conhecimento objetivo de si e do mundo e com ele assegurar a ordem, a segurança e a emancipação humana, desencadearam em fracasso. A redução do pensamento ao cálculo e ao domínio da natureza apenas ocasionou um empobrecimento na relação homem/mundo. Senhor da natureza, o homem da razão adquire o *status* de onipotência. A partir daí tudo passa a ser convertido à lógica e à coerção do domínio humano. Na opinião dos autores, o mercado econômico seria a maior expressão dessa coerção. O conceito de indústria cultural desen-

volvido pelos autores nos situa nessa modalidade de controle e dominação em que tudo passa a ser exigência do princípio último de produção de mercadorias. O mercado, com sua técnica, transforma os homens em engrenagens constituindo o que se conhece como comportamento de massa, no qual tudo se reduz à uniformização amorfa dos modos de ser.

Nesse sentido, a crise histórico-social advinda das transformações sofridas ao longo dos séculos pelo abalo dos valores legitimados na modernidade, como, por exemplo, os sólidos referenciais de ordem e racionalidade prometidos pelo pensamento iluminista, centrados na noção de sujeito e nos avanços técnico-científicos, enfraqueceram-se frente às transformações político-econômicas transcorridas ao longo dos séculos. Diante de diversos acontecimentos catastróficos, naturais ou políticos, assistimos às promessas de progresso não se sustentarem nos novos tempos. Se por um lado os avanços científicos parecem ainda oferecer um ar de otimismo, assistimos também a isso que Nietzsche (2002) nomeou do *advento do niilismo* diante do mal-estar que tomou lugar dos antigos anseios do homem. Tais transformações eclodem em uma nova concepção de homem, individual, autônomo, desamparado. Para além de situar sua crítica à sociedade ou cultura de modo amplo, Nietzsche dirigiu seu pensamento à crise da metafísica ocidental. De acordo com Nietzsche (2002), a simbólica *morte de Deus* responsável por demarcar a viragem do paradigma metafísico moderno ao se desvincular dos valores supremos, com seus referenciais de verdade, meta e unidade, marcando o fim da dicotomia sensível-suprassensível, que outrora governavam o mundo, desencadeou uma incontornável sensação de perda de sentido.

(...) O homem louco se lançou para o meio deles e transpassou-os com o seu olhar. Para onde foi Deus? Gritou ele, já lhes direi! Nós o matamos – você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguiremos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Para onde ele se move agora? Para onde nos movemos nós? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda em cima e embaixo? Nós vamos como que através de um nada infinito? (...) (NIETZSCHE, 2002, p. 135).

Com essa famosa passagem, Nietzsche ilustra a ausência de referências com a morte da esfera absoluta, suprassensível, que contorna nosso horizonte epocal. Sem Deus ou sem as categorias ontológicas da metafísica, o real passa a ser descortinado a partir de suas relações concretas e, desse modo, o devir e a pluralidade de sentidos se instalam como norteadores desse novo horizonte. Não havendo mais uma medida una, as múltiplas forças do real se interpelam de modo conflitivo, constituindo o que o pensador nomeou de vontade de poder.

O Mal-estar e desamparo também ganhou voz por Bauman (1998) em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*. Aludindo ao pensamento de Sigmund Freud em *O mal-estar na civilização*, Bauman enfatiza esse caráter paradoxal contemporâneo. Se Freud, situado em plena era moderna, afirma que o homem civilizado precisou sacrificar a sua liberdade para poder viver em ordem e segurança, hoje, o que se vê é o oposto, afirma Bauman. “A liberdade individual, outrora uma responsabilidade e (talvez o) problema para todos edificadores da ordem tornou-se o maior dos predicados e recursos na perpétua autocriação do universo humano” (BAUMAN, 1998, p. 9). E assim, os mal-estares da pós-modernidade provêm não mais do sacrifício da liberdade, e sim do contrário. Os novos tempos aos quais Bauman nomeou de modernidade líquida caracterizam-se pelo derretimento dos sólidos referenciais que se dissolvem em instabilidade e velocidade. Mergulhado numa era instantânea e volátil, o homem perdeu seus

referenciais, acarretando fenômenos de insegurança, desordem e um individualismo exacerbado.

Uma vez que nada na pós-modernidade se sustenta, tudo passa a ser reproduzido incessantemente. As experiências são passageiras e renováveis, e tudo se converte em fonte inesgotável de exploração, tal como Heidegger (2002) postulou. Como nada encontra base sólida, as experiências humanas se caracterizam pela tentativa constante de extrair o máximo de tudo. Conforme acena Bauman (1998, p. 56): “Não há padrões a cujo nível se manter (...) não existem modelos, exceto o de apoderar-se de mais, e não existem normas, exceto o imperativo de aproveitar bem as cartas que se dispõem”.

O já citado sociólogo francês Alain Ehrenberg (1998) argumenta que o enfraquecimento da crença na representatividade sólida e instituída dos Estados, na qual a disciplina e moral se faziam norteadoras das experiências humanas, desencadeou numa fragmentação da existência e na inversão de valores sólidos em favor de movimento frívolos, flexíveis e velozes. Num mundo que perdeu sua permanência, tudo depende agora da *performance* de um indivíduo incerto. Nesse sentido, Ehrenberg enfatiza que o homem contemporâneo se constitui a partir do governo de si mesmo, sem respaldos, sem referências. Tal fenômeno se converte num individualismo extremo, na medida em que tudo é remetido à *performance* da experiência singular.

Com isso, o indivíduo descrito por Ehrenberg é caracterizado por sua vulnerabilidade, convertendo-se ou no culto à *performance*, ao buscar o desenvolvimento constante de potencialidades pessoais, ou num indivíduo fragilizado e desamparado, que buscará respaldo em diversas técnicas de auxílio pessoal, tal como as terapias, os psicofármacos, as drogas etc. O apelo à *performance* desencadeia uma insegurança privada convertida na impotência da ação. Nesse sentido, o autor acena que os sofrimentos psíquicos do nosso tempo são, portanto, patologias da ação.

Podemos articular as análises dos autores acima citados com as determinações contingentes de nossa história atual, ao considerarmos a era da técnica como a provocação ao que desde já se desvela como uma “fazeção” incessante pelo efeito imediato do devir. A existência fica assim absorvida na consumação mesma da insustentabilidade de um sentido específico e toda ação fica reduzida a uma fugacidade imperiosa. Tudo se conforma à inesgotabilidade da exploração.

A perda do elemento de sustentação da metafísica assinalada por Nietzsche, expressa a característica do horizonte da técnica contemporânea, na qual Heidegger nos diz que os entes, não mais vinculados a uma medida una de sustentação, se mostram de forma funcional, como fundos de reserva. Ou seja, o mundo se desvela ao modo da provocação, onde tudo responde pelo seu caráter de funcionalidade e exploração. A fluidez e a indeterminação de referências absolutas indicam assim o desdobramento histórico de nosso tempo, que se expressa pela ênfase no fazer incessante em detrimento da outrora busca pela finalidade da produção. A técnica, que no interior do pensamento de Heidegger corresponde à medida epocal de nosso tempo, caracteriza-se na contemporaneidade pela produtividade sem freios.

A compreensão da compulsão por um olhar psicossocial

Com as análises precedentes, somos convidados então a pensar que é possível que a experiência da compulsão, tratada neste estudo, possa ser tomada como uma expressão própria do horizonte histórico contemporâneo, na medida em que está intimamente relacionada às determinações marcadas pela era da técnica (Heidegger, 2002). Um mundo que, incessantemente nos convida aos excessos, ao acúmulo, à exploração e ao descarte,

vinculada à ordem do desejo insaciável, e também marcada pela instantaneidade e fluidez da contemporaneidade não nos permite parar .

Podemos nesse momento arriscar afirmar que por meio das múltiplas vozes das descrições supracitadas, os modos de ser, convertidos em diversos formatos hegemonicamente considerados patológicos, tal como a depressão, o pânico e a compulsão, são, dessa forma, experiências que, conforme aponta Ehrenberg (1998), estão diretamente articuladas ao horizonte histórico contemporâneo, pois centrado na figura do indivíduo autônomo, condecora o apelo à produtividade, ao desempenho e às promessas de satisfações de toda ordem, sustentadas principalmente pela lógica do mercado e a partir das quais o seu fracasso proporcionalmente também recai sobre o próprio homem. É nesse cenário, portanto, que assistimos a comportamentos que se desvelam excessivos e repetitivos a partir do caráter de inesgotabilidade da técnica. O apelo à produtividade, à *performance*, à felicidade, por exemplo, manifesta-se como vozes fáticas da era da técnica, que a tudo subtrai em fundo de reserva para exploração.

Um número sempre crescente de homens e mulheres pós-modernos, ao mesmo tempo em que de modo algum imunes ao medo de se perderem, e sempre e tão frequentemente empolgados pelas repetidas “ondas” de nostalgia, acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Deleitam-se na busca de novas e ainda não apreciadas experiências, são de bom grado seduzidos pelas propostas de aventura, e de modo geral, a qualquer fixação de compromisso, preferem ter opções abertas. Nessa mudança de disposição, são ajudados e favorecidos por um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor e vigorosamente interessado em manter essa procura permanentemente insatisfeita, prevenindo assim, a ossificação de quaisquer hábitos adquiridos, e excitando o apetite dos consumidores para sensações cada vez mais intensas e sempre novas experiências (BAUMAN, 1998, p. 23).

Essa passagem descrita por Bauman (1998) nos convida a pensar que é possível situar a experiência da compulsão, como marcada pela instantaneidade e fluidez da contemporaneidade. No horizonte onde se determinam as orientações da era da técnica o homem acaba por se tomar autômato tal como os instrumentos técnicos, convidando-o a desvelar o mundo pela lógica da previsibilidade, da exploração e satisfação de desejos, com a consequente descartabilidade. Essa ordem que encontramos expressa, de forma marcante no sistema econômico vigente e, relacionado a ele, no campo médico-científico, que, também de forma capitalista e técnica, torna-se cada vez mais instrumental e mercadológico.

Na era da instantaneidade, o apelo à velocidade, descrito por Bauman, nos permite pensar a compulsão como esse movimento incessante de tentativa de satisfação e descarte levado ao extremo. Somos convidados a nos comportar compulsivamente na medida em que temos como horizonte justamente a ausência de medida, a insatisfação constante, estimulada pelas possibilidades infinitas.

Se, conforme aponta Baudrillard (1970), estamos na sociedade da abundância, podemos situar as mais variáveis experiências compulsivas que se apresentam na contemporaneidade, não somente no campo mercadológico, como também sexual, alimentar, laboral, inclusive na esfera física, na qual as pessoas estão cada vez mais se excedendo em exercícios físicos em busca de *performance* e de um corpo adequado aos padrões de beleza contemporâneos. Tais experiências podem ser pensadas como um modo de desvelamento do que desde já se apresenta excessivo. Cada vez mais somos convidados a comer em excesso, trabalhar em excesso, comprar em excesso, medicar-nos em excesso, fazer sexo em excesso, como expressões dos

valores impressos no horizonte histórico que, conforme enfatizam os autores já citados, traz como lema o caráter de urgência, o ultrapassamento dos limites, a produtividade, a exploração etc.

A vida reduzida à exploração e ao controle de todas as circunstâncias, ocasionaria o que Heidegger (2002) chamou de uma servidão da técnica, e em consequência a um empobrecimento da existência humana. Enclausurado nas determinações epocais, o homem se converte também em fundo de reserva.

Nessa atmosfera dos excessos, o que impera é o desejo de apropriação, que é sempre insaciável, tornando-se um eterno círculo vicioso. Esse movimento, que originariamente pode ser pensado como uma característica do fenômeno compulsivo encontra amparo na experiência do vazio, oriundo da real impossibilidade do homem apoderar-se de si mesmo e de outras possibilidades do mundo. O horizonte da técnica, desembocado na sociedade capitalista de consumo, desvela-se como a promessa de domínio de todas as esferas da existência.

Desse modo, jamais podemos pensar que os bens de consumo e a promessa de poder, imputada pela tecnologia advinda do modo instrumentalista de pensar, poderiam assegurar a tão sonhada segurança e solidez almejada pelo homem. A Vontade de poder, da qual nos fala Nietzsche (2002), que direciona os modos de relação do homem no mundo na modernidade está fadada ao fracasso. Mas talvez seja aí mesmo que ela encontra subsídios para se retroalimentar. Podemos pensar com isso, que mergulhado num contexto histórico marcado por apelos excessivos, o homem pode se articular também de modo excessivo. A díade paradoxal da exploração e controle parece apontar a lógica do movimento compulsivo que se expressa pelo desejo de satisfação incessante ao mesmo tempo em que se mostra repetitiva.

Considerações Finais

Vemos que por meio as reflexões desenvolvidas ao longo do texto e da contribuição de autores do campo da psicologia, filosofia e sociologia, conquistamos a possibilidade de compreensão psicossocial da estreita relação entre o horizonte histórico contemporâneo e o comportamento compulsivo. Em consequência, a partir dessas ideias, podemos romper com um olhar dicotômico e, portanto, reducionista do homem ao eu, compreendendo seus sofrimentos psíquicos, articulados ao horizonte histórico que o contorna.

O olhar técnico-científico que hoje impera como modo de explicação dos sofrimentos físicos e emocionais do homem, aponta para uma visão privativa e mecanicista expressa pela neurociência e marcada por pesquisas cada vez mais tecnológicas como forma de mapeamento do funcionamento cerebral. O tratamento, na maior parte das vezes faz jus à lógica capitalista e se dá pela ingestão quase sempre excessiva de medicamentos psicofármacos. Os comportamentos compulsivos, dessa forma, são, na maior parte das vezes, interpretados como um desajuste da ansiedade e, portanto, tratados quimicamente.

No entanto, as análises precedentes revelam que tal modo de interpretação dos sofrimentos humanos é fruto do desdobramento do próprio advento da modernidade, no qual a ciência exclusivamente técnica e calculista talvez seja uma de suas maiores expressões. Na esfera econômica, o pensamento calculista e instrumental desencadeou na lógica capitalista, influenciando significativamente o modo de ser do homem ao longo dos últimos séculos. Vemos despontar assim, profundas transformações nos comportamentos humanos, convidando-nos a pensá-lo como um ser fruto das condições históricas.

Nesse sentido, podemos pensar o homem como articulado ao mundo, e portanto, comportando-se a partir desse horizonte histórico que se desvela na contemporaneidade ao modo dos excessos de toda ordem, e que trazem em si mesmo o apelo também do controle e da moderação, nos levando a pensar que esse caráter ambíguo alimenta a lógica de mercado, e que trazem consigo sentimentos de desamparo e insatisfação constante.

A experiência da compulsão, descrita nos manuais de psicodiagnóstico como comportamentos repetitivos que buscam o alívio de um estado de ansiedade, como também a incapacidade de resistir a um desejo, podem então ser compreendidos como um modo de ser que se expressa a partir daquilo que o mundo nos convida a desvelar: exploração, satisfação, produtividade, instantaneidade, controle, etc. Desse modo, vemos juntamente a possibilidade de oferecer um olhar psicossocial a um fenômeno que talvez mereça ser interpretado muito além dos moldes da psicopatologia técnico-científica, ainda fortemente moderna. Não queremos com isso dizer que os avanços no campo da tecnologia científica não trazem todos os dias benefícios para a humanidade. Queremos apenas atentar que o modelo explicativo-causal, encontrado nos manuais de diagnóstico e tomado como a única e irredutível verdade, deve ser repensado. E assim, não serem mais considerados como o único modo de desvelamento dos sofrimentos psíquicos, na medida em que o homem existe sempre articulado ao seu horizonte histórico.

Sobre o artigo

Recebido: 12/03/2014

Aceito: 10/04/2014

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BAUMAN, Z. **Vida Para Consumo**. (Carlos Alberto Medeiros, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- BIRMAN, J. Diagnósticos da contemporaneidade. In: Maciel Jr. A.; Kupermann D.; Tedesco S. (orgs.). **Polifonias: clínica, política e criação**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p. 102-118.
- BIRMAN, J. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In: **Estados Gerais da Psicanálise. II Encontro Mundial**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/rj/download/5d_birman_02230503_port.pdf>. Acesso em: 5 set. 2014.
- DSM IV – TR. **Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. In: Heidegger, M. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11-38.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

RÜDIGER, F. **Martin Heidegger e Questão da Técnica: Prospectos sobre o Futuro do Homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TAVARES, H. **Jogo Patológico e Suas Relações com o Espectro Impulsivo-Compulsivo**. 2000, 184f. Tese (Doutor em medicina) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2000.